BOLETIM SEMANAL
DO GABINETE DE ANÁLISES POLÍTICAS

ANGOLA E ÁFRICA AUSTRAL NA IMPRENSA

Nº. 42/76

ÍNDICE

MOVIMENTO POPULAR DE LIBERTAÇÃO DE ANGOLA

ANGOLA NA IMPRENSA NACIONAL

de a 26 de Novembro de 1976

ACTIVIDADES DO MPLA E ORGANIZAÇÕES DE MASSAS

19.11 - Militantes da JMPLA da Província de Luanda, reunidos, aprovaram uma Declaração Política e o Plano de Actividades até dezembro deste ano. As principais tarefas visam: organizar a juventude nas FAPLA; estudar o marxismo-leninismo, segundo orientação do Comitê Central; consolidar as tarefas da alfabetização. Foi também aprovada a necessidade de vigiar e reprimir os traficantes de diamantes.

20.11 - Uma delegação da JMPLA deslocou-se a Argélia e Tunísia,para conhecer a experiência da realização do 1º Festival Panafricano em Tunes. Outra delegação foi ao México à sessão do Comitê Executivo da Federação Mundial da Juventude Democrática que programará solidariedade com a juventude angolana.

- Uma delegação do MPLA, chefiada pelo Cda.Pedalé, membro do BP, participou na comemoração da derrota da invasão portuguesa à Guiné-Conakry, em 1970. O Presidente guineense,Sekou Touré, recebeu a medalha "Joliot-Curie" do Conselho Mundial da Paz, naquela ocasião.

26.11 - Comunicado da OPA determina a realização de actos de ingresso dos pioneiros na organização, com base de mobilização nas escolas. Tais actos de ingresso precedem a festa do Pioneiro no dia 1 de Dezembro.

27.11 - Realizou-se o 1º acto de ingresso de Pioneiros na OPA, na escola 7, em Luanda. Os pioneiros receberam um lenço, colocado em volta do pescoço que é o símbolo do pioneiro. Até 1 de Dezembro vão realizar-se actos semelhantes que culminarão num acto central. O Cda,Antonio Jacinto, Ministro da Educação, esteve presente no 1º acto de ingresso.

* *

ACTIVIDADES DO GOVERNO

19.11 - O "Diário de Luanda" deixa de circular temporariamente, segundo um comunicado do Ministério da Informação, por decisão do Bureau Político do MPLA. As razões são a falta de quadros e a necessidade de reestruturar a informação nacional. Os trabalhadores da redação do DL serão distribuidos pelo "Jornal de Angola" e pela revista semanal "Novembro" em estruturação, que já publicou o 1º número. A tipografia do DL continuará a efectuar trabalhos para o Governo e pelo MPLA.

20.11 - Continuam a dar-se a conhecer as mensagens de felicitações pelo 1º aniversário da Independência, vindas de todas as partes do mundo.

21.11 - Na Escola da Polícia "Mártires do Kapolo", juraram bandeira 467 novos agentes do CPPA. O curso, pela rimeira vez, reuniu instruendos vindos de todos os pontos do país e teve um vasto programa político. O Cda.Petrof, comendante-geral do CPPA, e o Cda.Monstro Imortal, Chefe do Estado Maior adjunto das FAPLA, falaram aos instruendos.

21.11 - O Cda.Presidente fez visitas ao Museu Nacional de Antropologia e à Escola Feminina"11 de Novembro", acompanhado pelo Secretário do BP do MPLA e pelo Ministro da Educação e Cultura.

22.11 - O Cda.Presidente participou da abertura da Campanha de alfabetização, na Textang, pronunciando um discurso (Ver ANEXOS). Dos 1.100 operários da Textang, apenas 141 participarão no 1º curso de alfabetização. Os 12 monitores formados pelo MEC alfabetizarão 16 pessoas cada um, em três meses. Haverá 2 turnos; um ao fim da tarde para os que trabalham de manhã e outro de manhã para os que trabalham de tarde.

25.11 - O Cda.Elísio de Figueiredo, representante de Angola na ONU, discursa perante o Conselho de Segurança da ONU, por ocasião da resolução daquele organismo em recomendar à Assembléia Geral a admissão de Angola nas Nações Unidas. (Ver ANESÔS)

- Despacho do Ministro da Educação determina que todos os trabalhadores analfabetos devem ser recenseados nos reppectivos serviços.

26.11 - Por despacho conjunto das Secretarias de Estado das Finanças e Comunicações, foi regulamentada a emissão de bilhetes de passagem aérea. A medida visa combater as espculações cambiais que roubam divisas ao país.

* *

ANGOLA E O MUNDO

20.11 - O 1º ministro, Cda.Lopo do Nascimento, foi convidado por Fidel Castro a visitar Cuba por ocasião do 20º aniversário do desembarque do barco Granma (início da guerra revolucionária vitoriosa, em Cuba) e da sessão de abertura da Assembléia Nacional do Poder Popular,

- O governo da Suécia anunciou que auxiliará Angola com 240 mil contos para a Reconstrução Nacional: 150 mil contos em mercadorias, 48 mil para os refugiados, 12 mil para pessoas afectadas pela guerra e 5 mil toneladas de trigo para o programa de emergência coordenado pela ONU.

23.11 - A Missão Permanente da SWAPO em Angola publicou um comunicado de guerra, anunciando, entre outras acções, a morte de 20 soldados da UNITA que colaboravam com os sul-africanos e a destruição de um carro que transportava soldados da UNITA para Angola. Neste carro foi morto o capitão sul-africano Johannes Van Zeil.

24.11 - O pedido de admissão de Angola na ONU, apresentado por 3 países do Conselho de Segurança - Tanzânia, Benin e Líbia - teve 13 votos a favor e a abstenção dos Estados Unidos. A China não votou. O embaixador americano na ONU, William Scranton, afirmou que a mudança de atitude dos Estados Unidos se deve ao respeito do seu governo pelos sentimentos expressos pelos "amigos de África". Dessa forma, a admissão de Angola vai à Assembléia Geral, onde não há dúvidas dobre a sua aprovação, já que a República Popular de Angola foi reconhecida por mais de 100 países.

- O Presidente da SWAPO, Sam Nujoma, enviou um telegrama ao Conselho de Segurança da ONU explicando quem são os "refugiados angolanos na Namíbia", tema muito explorado pela propaganda racista sul-africana. O telegrama diz que "as tropas sul-africanas invadem frequentemente o território da RPA, lado a lado com os contra-revolucionários da Fnla/Unita, matando camponeses, queimando-lhes as casas e propriedades, raptam angolanos, levam-nos para a Namíbia e apresentam como refugiados".

24.11 - O Secretário-Geral da ONU, Kurt Waldheim, enviou ao Cda.José Eduardo dos Santos, nosso Ministro das Relações Exteriores, um telegrama comunicando que o Conselho de Segurança recomendou à Assembléia Geral da ONU a admissão de Angola nas Nações Unidas.

* * * * * * * * * * * * * *

D I V E R S O S

19.11 - O bispo da Igreja Metodista, Emílio de Carvalho, proferiu uma palestra em Luanda. (Ver ANEXOS).

20.11 - A SUMANGOL - Sumos de Angola SARL apresenta seu balanço de 1975.

23.11 - O embaixador da Guiné-Conakry em Luanda, Mami Kouyate, concedeu uma conferência de imprensa por ocasião da comemoração da derrota da invasão da Guiné por mercenários portugueses em 1970.

* *

ÁFRICA AUSTRAL NA IMPRENSA E RÁDIO ESTRANGEIROS
==

A N G O L A

1.11 - O "Jornal do Brasil" publica um artido assinado por Roberto Paulino, com o título; "Angola, uma questão em aberto". Começa por citar declarações de Holden Roberto e admitir como possível que Fnla e Unita controlem dois terços do território angolano. Diz que o MPLA controla apenas Luanda e o Litoral, o que "não quer dizer que o MPLA corra perigo imediato de perder o Poder". Termina por concluir que "a necessidade de reconstrução (que exige muito dinheiro) deixa Angola extremamente vulnerável às investidas neocolonialistas, seja de que cor for". A questão fica em aberto porque ninguém detem o poder com segurança, diz o artigo, que analisa a situação como se fosse uma luta entre União Soviética e os interesses americanos e europeus.

16.11 - O Professor Henrique de Barros,que representou o governo português nos festejos de 11 Novembro em Luanda, declarou no regresso a Lisboa, que "o Presidente Neto está disposto a facilitar de todas as maneiras a colaboração com Portugal, no futuro, fazendo esquecer aquilo que nos podia separar, no passado."

- (DºNotícias) Numa reportagem sobre a Província do Zaire (hoje Congo), explica a necessidade do programa de assistência humanitária promovido por vários organismos da ONU, com contribuições já prometidas por vários países europeus e árabes.

Os mercenários abandonaram São Salvador (hoje M'Banza Congo) em 14 de fevereiro 1976, depois de dinamitarem a antiga residência do governador e

depois de terem minado as ruinas. Mas a guerra na região vem desde 1961. Os portugueses, interessados apenas no petróleo, não instalaram lá nenhuma industria. Apenas criaram plantações de café e algumas salinas na costa, o que é pouco pàra a província, onde vivem actualmente 160 mil pessoas. É o que explica Orlando, membro da administração provincial.

Refugiados da guerra na República do Zaire estão retornando, as aldeias renascem entre M'banza Congo e a fronteira: Vombo, Kelemoz, Bella Vista, M'banza Putu, etc. Um problema fundamental a resolver: distribuição de víveres até a próxima colheita. A mandioca, alimento base, necessita pelo menos 18 meses para crescer completamente. Embora os aldeões se dediquem a outras culturas, feijão, amendoim e batata doce, não chegam para alimentar com um mínimo de calorias e proteínas.

18.11 - Uma mensagem do Cda.Presidente Neto foi entregue aos trabalhadores da Cooperativa de Produção agrícola, em Coruche, Portugal, que tomou o nome de "República Popular de Angola". A mensagem, entregue pela delegação do MPLA ao Congresso do PCP, fala do "acto de solidariedade" que significa o nome dado à cooperativa e dos estímulos mútuos que são as vitórias alcançadas pelo povo angolano e português.

- Em Almada, Portugal, realizou-se um acto de comemoração ao 1º aniversário da RPA. Em nome do MPLA falou Carlos Rocha (Dilolwa) que chefiou a delegação angolana ao VIII Congresso do PCP. Dilolwa afirmou que "já existem condições para as boas relações entre os povos angolano e português" e reafirmou nossa ajuda aos povos em luta da Namíbia, Simbabwe e Africa do Sul.

- (Dº Popular) notícias vindas de Bruxelas, capital da Bélgica, dizem que Unita e Fnla poderão fundir-se numa só organização. Assinado por Jorge Sangumba (Unita) e Pedro Henrick Vaal Neto (Fnla), foi publicado no dia 11 de novembro um comunicado conjunto das 2 organizações fantoches em que se afirma que "prosseguirão a luta armada".

19.11 - (Dº Notícias) o vice-presidente da SWAPO, Misheki Muyongo, denunciou em Lusaka (Zâmbia), que a Unita está a utilizar a Namíbia como base e para receber armas da Africa do Sul. Declarou que se a Unita age com a ajuda dos inimigos da SWAPO e obstruem os esforços para libertar a Namíbia, "não teremos outra alternativa senão lutar" contra eles.

20.11 - (Dº Noticias) O correspondente da agência noticiosa dinamarquesa que visitou Luena (ex-Luso) informou que Luena é hoje uma cidade semifantasma, com apenas metade dos antigos 70 mil habitantes e 10 mil refugiados. O Comissário Provincial, Dembo, desmentiu as notícias de que há fome generalizada na região por causa de ataques da Unita a comboios com alimentos. "Não há tropas da Unita a operar na nossa área. Recebemos 3 vezes por semana fornecimentos de peixe e outros víveres trazidos de comboio, de Benguela", afirmou Dembo.

22.11 - Jornais portugueses anunciam a disposição do governo dos Estados Unidos em não utilizar o veto contra o ingresso de Angola na ONU.

24.11 - A rádio americana "Voz da América" reproduz informações sul-africanas de que mais angolanos teriam-se refugiado na Namíbia. Estima em cerca de 4 mil os refugiados na Namíbia, fugidos dos "fortes combates" no sul de Angola.

* * * * * * * * * * * * * * * * * * *

Z I M B A B W E (RODÉSIA)

16.11 - Após 2 semanas de impasse na Conferência de Genebra, Ivor Richard, o representante britânico que a preside, apresentou novas propostas: dia 1 de Março de 1978 seria a data limite para a independência que poderia ser antecipada, podendo efectivar-se a 1 de dezembro 1977 desde que o projecto de constituição e outras diligências estejam terminadas. As delegações de Sithole e Muzorewa, assim como a do governo racista, aceitaram esta proposta de uma data flexível. A "frente Patriótica" de Mugabe e Nkomo reservou a sua resposta para mais tarde.
As diligências propostas pelos britânicos e aceitas por todos são as seguintes: conclusão da Conferência de Genebra; promulgação de legislação britânica sobre o estabelecimento do governo de transição, anulando o actual governo ilegal de minoria branca; organização de eleições gerais, incluindo cadernos eleitorais, delimitação de círculos eleitorais e lei eleitoral; elaboração de um projecto de constituição que inclua a estrutura do governo que dirigirá o Zimbabwe após a independência; realização de uma conferência constitucional (em Londres) para aprovar a constituição; realização de eleições gerais, na Rodésia, para formar o novo governo; finalmente, celebração da independência.

17.11 - Nkomo e Mugabe confirmaram que a "Frente Patriótica" rejeita totalmente a fórmula de compromisso britânica para a data da independência. Afirmaram que a proposta britânica é "imprecisa e evasiva" e que deve-se fixar uma data exacta para a independência.
As delegações nacionalistas afirmam que 9 meses são suficientes para realizar todo o processo jurídico para a independência e que rejeitam a participação da "Frente Rodesiana" de Ian Smith no governo de transição.

18.11 - Muzorewa discutiu com Ivor Richard propostas sobre a transição para a independência, numa reunião de mais de 2 horas. Ao término, acusou a "Frente Patriótica" de tentar sacrificar o seu nome.

- O Ministro dos Estrangeiros moçambicano, Joaquim Chissano, partiu para Genebra para chefiar a delegação do seu país que tem estatuto de observador na Conferência.

19.11 - John Reinhardt, subsecretário de Estado americano, chegou a Genebra para contactos com os participantes da Conferência. Reinhardt já estivera antes em Genebra e na Tanzânia e Zâmbia.

20.11 - Ali Mwinyin, Ministro do Interior da Zâmbia, declarou ao término da reunião ministerial sobre defesa, entre Angola, Moçambique, Tanzânia e Zâmbia, que se chegou a acordo quanto a uma estratégia comum contra as agressões dos regimes racistas da África Austral. Os ministros reunidos em Maputo, decidiram aplicar imediatamente o programa de defesa comum, antes que surja uma nova agressão dos regimes minoritários brancos.

- Um informador do Departamento de Estado americano desmentiu as afirmações de Ian Smith de que os Estados Unidos apoiariam militarmente os rodesianos, caso as negociações falhassem devido à atitude dos nacionalistas. O informador acrescentou que Kissinger não fez qualquer compromisso nesse sentido nas conversações com Smith,

- O reverendo Ndabaningi Sithole partiu de Genebra para conversações na TAnzânia, Moçambique e Zâmbia.

22.11 - Ivor Richard viajou a Londres para consultas. Declarou estar confiante numa solução.

23.11 - Richard regressou de Londres e disse não ter novas propostas. Insinuou que o impasse sobre a data da independência do Zimbabwe poderia ser superado marcando-se uma data para eleições gerais.

24.11 - Sithole propôs que o Ministério da defesa do governo de transição seja dirigido por um conselho de defesa com a participação das 4 delegações nacionalistas à Donferência de Genebra.

* * * * * * * * * * * * * * * *

M O Ç A M B I Q U E

17.11 - A Agência Moçambicana de Informações - AIM - informou que foram mortos pelo menos 10 pára-quedistas rodesianos e abatidos 4 helicópteros, 1 avião a jacto e dois de reconhecimento, num ataque rodesiano a Moçambique apoiado por 20 aparelhos, contra a base militar de Mavue. Os paraquedistas e tropas helitransportadas foram apoiados por forças de terra com blindados e cavalaria. A notícia acrescenta que 1 soldado moçambicano foi morto, 7 ficaram feridos e 2 desaparecidos.

- Rádio Moçambique desmentiu notícias de agências internacionais divulgadas pela rádio rodesiana e sul-africana,segundo as quais 2 batalhões tanzanianos se encontrariam em Moçambique.

20.11 - A AIM comunicou que um novo ataque rodesiano tinha lugar na fronteira sul de Moçambique. A aldeia Pafuri foi atacada por artilharia pesada e as forças rodesianas avançavam sobre Chicualacuala, mais no interior de Moçambique. Um blindado atacante foi destruido. A AIM informa também que a área atacada a 11 de novembro, em que morreram 17 soldados moçambicanos, está sob controle das FPL Moçambique.

- Raul Valdés Vivó, membro do Comité Central do Partido Comunista Cubano, chegou a Maputo para uma visita, que visa "fortalecer os laços entre os dois países". Um outro membro do CC do PCC, Rosário San Pedro, já se encontra em Moçambique há 4 dias. A delegação cubana, convidada pelo Comité Central da Frelimo, trouxe uma mensagem de Fidel Castro a S.Machel.

* * * * * * * * * * * * * * * *

AFRICA DO SUL - NAMÍBIA - ATLÂNTICO SUL

18.11 - O Presidente da Venezuela, Carlos Andres Perez, anunciou perante a Assembléia Geral da ONU, ter ordenado o corte de relações comerciais entre o sue país e a África do Sul.

19.11 - Misheki Muyongo, vice-presidente da SWAPO afirmou em Lusaka que a Unita dispõe de uma base militar em Grootfontein, norte da Namíbia, a 192 km. da fronteira com Angola, onde estão reunidos entre 5 a 8 mil homens armados pelos sul-africanos. Muyongo disse que a SWAPO tem"provas irrefutáveis" disso.

23.11 - O governo sul-africano enfrenta uma crise interna: o vice-ministro da Administração Banta, Treurnicht, opõe-se às propostas do governo de suavizar o apartheid abrindo teatros, cinemas, igrejas e transportes a todas as raças, eliminando a exclusividade dos brancos.

- O chefe da Marinha uruguaia, contra-almirante Hugo Marquez, disse em Montevidéu que se deve concretizar o pacto do Atlântico Sul. "Face às mudanças mundiais, disse ele, as marinhas do Chile,Argentina, Brasil e Urugai não devem agir separadamente".

* *

" ANGOLA NA IMPRENSA " Nº 42/76

PALAVRAS DO CAMARADA PRESIDENTE NA TEXTANG, NA INAUGURAÇÃO OFICIAL DA CAMPANHA NACIONAL DE ALFABETIZAÇÃO, 23.11.76. Extractos:

A grande maioria do nosso Povo é analfabeta. Estima-se em 85 por cento. Em cada 100 homens, 85 não sabem ler nem escrever.

... um homem que não sabe ler nem escrever não pode ser um bom técnico, um bom quadro, porque não pode estudar por si próprio, não pode ler um jornal, não pode ler um livro, não compreende muita coisa daquilo que se passa no mundo, não aprende a técnica. Precisa, portanto, de aprender a ler e a escrever. E quando nós dizemos, quando o nosso Comité Central disse que "aprender é um dever revolucionário", é exactamente assim. É que nós não fazemos a Revolução sem concretizar, a cada passo, as idéias que nós temos para o desenvolvimento da nossa Revolução. Temos de concretizar neste capítulo também, no capítulo da formação de quadros.

Sim, nós aprendemos a manejar uma máquina, nós aprendemos a manejar uma charrua, nós aprendemos a manejar um tractor... Mas não passamos daí se não estudarmos, se não aumentarmos o nosso nível intelectual. E temos de começar pela base, aprender a ler e a escrever.

No entanto, camaradas, é preciso que não esqueçamos que o entusiasmo no início é sempre bom, mas é bom também ser-se persistente. (...)

Não é só começar para depois acabar no dia seguinte. É preciso continuar, continuar sempre até chegar ao fim.

Eu creio que a JMPLA a partir do mês de janeiro poderá dar uma contribuição maior, porque os exames terminam no mês de dezembro e em princípios de janeiro. Só falei de exames e talvez os nossos camaradas estudantes se admirem porque alguns têm estado a pedir para não fazer exames este ano.

Nós pensamos que há dificuldades; não houve um período regular de aulas, tanto nas escolas primárias como nas escolas secundárias, houve irregularidades quanto a professores, quanto a manuais e mesmo até a frequência dos alunos. Mas nós pensamos que, de qualquer maneira é necessário que para passar de classe, cada um deve prestar uma prova. E portanto, este ano vamos fazer exames. Os alunos, os estudantes que estão nas escolas primárias e secundárias devem preparar-se para fazerem o seu exame final no mês de Janeiro.

As camaradas da OMA também vão participar nesta campanha de alfabetização, assim como os camaradas da UNTA, que creio que já começaram a fazer a alfabetização. E, num sector muito vasto, de grande importância, no exército, também já se começou a realizar-se este processo de alfabetização.

* *

DISCURSO DO CAMARADA ELÍSIO DE FIGUEIREDO NO CONSELHO DE SEGURANÇA DA ONU. 25.11, extractos:

Desejo afirmar, desde já, que o que tornou possível a minha presença aqui hoje é poder dirigir-me ao Conselho de segurança, não foi nenhum favor da História, nem por decreto colonial.. É o resultado da coragem heróica, do sacrifício e do sangue vertido por milhões de angolanos, homens , mulheres e crianças que lutaram uma vida para transformar um sonho em realidade.(...)
A República Popular de Angola é soberana e legítima, porque a posição que ocupamos em África e a nível internacional foi conseguida graças a uma heróica luta armada contra o colonialismo e o imperialismo. A mais longa luta arma-

da do Continente Africano.

(...)

Desejamos exprimir a nossa solidariedade com todos os combatentes da liberdade de todo o mundo que procuram realizar os seus sonhos , tal como realizamos os nossos. Para nós, Angolanos que lutamos duramente e tão longamente, não nos é fácil esquecer o passado. Entendemos consequentemente a nossa total solidariedade àqueles cuja luta ainda não terminou.

(...)

Aderimos às Nações Unidas para combater os males e injustiças contra os quais lutamos ao longo destes anos dentro das fronteiras do meu País. Participaremos da luta pela dignidade e liberdade humana, especialmente em África. Nenhum africano poderá considerar-se livre enquanto houver africanos escravizados no nosso continente.

Os africanos não poderão ser livres senão quando toda a Africa for libertada.

* *

PALESTRA DO BISPO EMILIO DE CARVALHO, DA IGREJA METODISTA UNIDA DE ANGOLA. 19.11.76 - EXTRACTOS :

Os cristãos angolanos são parte integrante de um país que optou pelo socialismo científico, rumo à edificação de uma Angola socialista. Habituados a uma Igreja que chegou a Angola sob os condicionalismos do colonialismo, e aqui se implantou como "instrumento de civilização", muitos hoje se interrogam sobre o futuro das igrejas num país socialista, não apenas movidos pelas transformações revolucionárias em curso, mas sobretudo mentalizados pelo mito segundo o qual o Cristianismo só pode sobreviver numa sociedade que opte pela via capitalista.

(...) As igrejas numa Angola independente atravessam hoje um dos momentos mais importantes da sua história. Momentos de definição e decisão. (...)

Conhecemos e analisamos as posições ideológicas e os critérios permanentes próprios do marxismo-leninismo em relação à fé e à religião. Segundo o pensamento marxista, a religião é sintoma de uma desordem na sociedade burguesa, organizada para a exploração do proletariado. É uma criação social, uma ilusão fabricada pelos exploradores e subdesenvolvidos, para si próprios, a fim de mitigarem a angústia e a opressão. Então, para solucionar essa desordem, o homem projecta-se para fora de si mesmo, perdendo-se na "ilusão" de um mundo transcendental. Daí que, para o marxismo, o verdadeiro homem histórico não pode, por definição, ser religioso, mas um ateísta militante.

Para Marx, a religião é alienação do homem do seu verdadeiro ser. É o ópio dos povos. Só liquidando as causas sociais do fenómeno religioso é que o homem pode libertar-se. E essa libertação vem pela luta ideológica contra a religião como forma de opressão. E a arma é o materialismo histórico nas mãos do proletariado.

Esse pensamento é o núcleo central da política eclesiástica dos estados socialistas. A religião passa então a ser um fenómeno entregue à livre escolha do indivíduo, não apresentando qualquer relevância para o estado socialista, embora o estado espere que os cristãos participem da construção da sociedade socialista. Este pensamento central determina ainda os princípios da liberdade de consciência, da tolerância religiosa e do pluralismo religioso, tão essenciais num estado socialista. Quase todas as Constituições socialistas que compulsamos, garantem o direito dos cidadãos de praticarem qualquer religião. Liberdade de religião e liberdade de ateísmo, é um aspecto inalienável das liberdades constitucionais democráticas. Na República Popular de Angola, "a liberdade de consciência e de crença é inviolável".

Deriva daí que o estado socialista ideal é laico. Existe uma separação da igreja do estado, a escola da igreja. Nem a socialização da Igreja, nem a cristianização do Estado. Toda a influência. Toda a influência da religião na vida públi-

ca deve ser removida, e o ensino confessional banido das escolas. A destruição da propaganda religiosa organizada na condução das classes trabalhadoras deve processar-se através da educação científica, baseada no marxismo-leninismo. Este sistema socialista de separação entre a igreja e o estado dá não apenas um carácter laico ao estado, secularizando a vida pública, como também garante as instituições religiosas realizarem suas funções específicas, sem interferirem na vida pública, e proibe a interferência do estado nos assuntos religiosos das igrejas. (...)

Concordamos que haja entre Cristianismo e Marxismo-leninismo uma tensão dialética, baseada em pontos filosóficos, ideológicos irreconciliáveis. Mas cremos que essas diferenças não excluem necessariamente a possibilidade de objectivos sociais e políticos comuns. Sabemos que as instituições religiosas nos paises socialistas tradicionais - a RDA por exemplo - têm tomado parte muito activa na liquidação total do colonialismo, na luta contra o racismo e pelos direitos humanos fundamentais.

Existe uma coincidência feliz de princípios éticos humanistas entre o cristianismo e o marxismo-lêninismo, entre as instituições religiosas progressistas e a sociedade socialista. Os cristãos devem se mobilizar, participando activa e positivamaente da realização dos objectivos socialistas que visam à implantação da paz e da justiça social, e do progresso e libertação do homem como um todo.

Somos cristãos num País que aspira ao socialismo. Precisamos por isso de ser uma igreja dentro do socialismo, e não uma igreja ao lado ou contra o socialismo. Como membros das igrejas, também somos parte integrante do Povo explorado e libertado. Queremos ser "cristãos num país socialista". Creio haver uma convergência entre os princípios éticos do Evangelho e certos princípios práticos do socialismo científico.

As igrejas não podem mais identificar-se com sistemas políticos e sociais ultrapassados, em nome duma "moralidade divina". As igrejas devem abandonar o dogmatismo tradicional, o clericalismo, o obscurantismo, o misticismo e o idealismo anacrónicos e certos preconceitos herdados do passado, e assumirem novas e realísticas atitudes em relação ao mundo exterior, penetrando mais profundamente nas percepções científicas, incentivando iniciativas ecuménicas em busca da paz e da justiça social, cooperando na realização daqueles aspectos do socialismo.
(...)
Creio ser a realidade socialista um ambiente desejável para o desenvolvimento integral do Povo e para a actividade das igrejas.
(...)
Aconstrução de uma Angola socialista não deixará de fora os"cristãos socialistas da fé cristã", como verdadeiros companheiros na construção do socialismo.

* *

DISCURSO DO PRESIDENTE DE MOÇAMBIQUE E DA FRELIMO, SAMORA MACHEL, NO ENCERRAMENTO DO SEMINÁRIO DE PREPARAÇÃO DO III CONGRESSO DA FRELIMO. Revista "Tempo", 14 de Novembro 1976 - Extractos :

Liquidado o colonialismo português,de novo a nossa política tem que continuar. A política agora toma a forma principal. Portanto, vimos que o I Congresso só analisa o processo da luta de libertação em Moçambique. O II Congresso analisa o entusiasmo do povo, em relação à luta. Mas, agora, o III Congresso é para quê ? (...)

Nós fizemos o I Congresso para criarmos a FRELIMO, uma frente ampla, em que todos estávamos lá. A nossa tarefa no III Congresso, tratará da luta ideológica.

De novo vamos perguntar quem deve ser membro da FRELIMO. No I Congresso entraram mesmo os que tinham tendências capitalistas, entraram os confusos, que foram sendo rejeitados pelo processo da luta. Mas vamos permitir isso de novo no II Congresso ?
(...)
Sabemos que a tarefa mais difícil que nós temos agora é a reconstrução nacional. A reconstrução nacional exige clareza ideológica. Portanto, o Congresso deve traçar se continuamos a existir como uma Frente, ou passamos para Partido. Mas se decidir como Frente,significa que continuamos confusos, significa que nós continuamos a permitir a existência de confusão no nosso seio.
(...)
Agora queremos criar o Partido. Mas, muitos dizem que, se ainda não há classe operária em Moçambique, que revolução será essa? Que socialismo será esse, o de Moçambique? Vão criar um partido sem a classe operária temperada na luta.(...)
Portanto, dizem agora mais uma vez que há precipitação da FRELIMO, quando fala em criar Partido. Mas a FRELIMO sabe o que vai realizar. Aí não queremos confusões. Só serão membros aqueles que são ideològicamente claros. Aqueles que se identificam com o povo. Aqueles que assumem, com grande envergadura, o processo revolucionário em Moçambique. Esses serão os nossos membros. Aqueles que são os primeiros no sacrifício e sãos os últimos quando se trata de benefícios. Estão ouvindo isso ? Aqueles que, quando se trata de benefícios, são os últimos e que são os primeiros quando se trata de sacrifícios. (...)

Caiu o colonialismo, mas temos esses inimigos agora. Não tenhamos ilusões, que o imperialismo está longe. O imperialismo está aqui. A residência do imperialismo, a residência do capitalismo, são as nossas consciências. O imperialismo e o capitalismo vivem na cabeça de cada um. Trata-se agora de combater o inimigo que vive nas nossas cabeças. É o inimigo mais difícil, esse. De luta contra o subjectivismo,de luta contra o espírito de importância, de luta contra os hábitos maus, de luta contra a vocação capitalista de ser rico, o novo rico. Por isso é muito difícil a luta que vamos começar agora. Esta luta já pode separar o pai do filho, o filho do pai. É uma questão de opção agora, não é só questão de agitar.(...) Não podemos co-existir com idéias reaccionárias, será a rotura com o esquema velho.

* *

DISCURSO DE SAMORA MACHEL, PRESIDENTE DA FRELIMO E DE MOÇAMBIQUE, AOS OPERÁRIOS MOÇAMBICANOS, EM MAPUTO, 13.10.76 - EXTRACTOS :

(...)
Nós estamos na fase da luta pela independência económica. Mas a luta pela independência económica implica, antes de mais, o aumento da Produção.

São muitos os aspectos a considerar na produção. As máquinas, as matérias-primas, os transportes, etc. Mas nós dizemos que o ponto essencial é o homem. Aqui também é o homem e não a máquina o factor decisivo.

Na nossa República, em que o Poder pertence à aliança operário-camponesa,produzir é um acto de militância. Agora que já não temos o chicote, o chibalo,a palmatória, produzir é um acto de militância.

Mas a produção tem um aspecto muito particular, muito sensível - a produtividade. Esse aspecto é que para nós serve de termómetro da consciência política, de reflexo da consciência de classe.

Um operário que pega num serrote, numa tábua, plaina, pregos, martelo e faz uma cadeira, produziu uma cadeira. Esse operário está a produzir, mesmo que leve um dia inteira a produzir a cadeira.

Outro operário, utilizando o mesmo material, faz durante o mesmo tempo 4 cadeiras do mesmo tipo. Esse operário

também produziu, também trabalhou. Mas há uma diferença básica entre o trabalho destes dois operários. Essa diferença chama-se produtividade.

O primeiro operário é um agente de desmobilização, é um sabotador da economia nacional, não tem consciência de classe, é um peso morto na oficina, em resumo é um Xiconhoca (kazukuteiro, em Moçambique) O segundo operário assumiu a sua responsabilidade de trabalhador, sabe para que é que trabalha e sabe que com a sua produçao está a trabalhar para a reconstrução nacional. Este operário se preocupa com a produtividade, mostra que tem consciência política, que tem consciência de classe.

A produtividade é aquilo que vai melhorar as nossas condições, aquilo que nos vai permitir realizar o progresso, o desenvolvimento económico.

INDISCIPLINA GENERALIZADA E CORRUPÇÃO

Nós fomos às vossas fábricas, nós vimos a maneira como trabalham, vimos aquilo que vocês produzem. Agora perguntamos de novo: o que é que nós encontramos nas vossas fábricas ? (...)

Nós vimos que vocês produzem pouco. Então perguntámos a diversos técnicos, a trabalhadores, a aprendizes como é que podemos aumentar a produtividade. A resposta tem sido sempre esta: não é possível aumentar a produtividade porque na maior parte das empresas há atrasos, falhas de serviço, liberalismo, falta de respeito pelas estruturas, confusão, ambição, boatos, roubo e racismo. Em resumo: indisciplina generalizada e corrupção.

Temos portanto baixa de produtividade ! Com as mesmas máquinas que vocês tinham no tempo colonial, as mesmas instalações, o mesmo número de operários e, em muitos casos, os mesmos técnicos, baixa de produtividade !

É isto que os operários destas empresas apresentam para responder aos sacrifícios daqueles que lutaram pela conquista da independência ? É esta a resposta que devemos dar àqueles que ofereceram as suas preciosas vidas pela independência nacional? É esta a resposta que devemos dar ao nosso povo e aos nossos filhos ? (...)

Estamos a ver que temos uma situação muito complicada nas vossas empresas. Por isso perguntamos: como é que vamos resolver? Como é que vamos avançar com pesos mortos, com pessoas inconscientes como é que vamos avançar com pessoas que nas suas empresas e oficians instalam uma base do inimigo, como é que vamos avançar com elementos que nas suas fábricas gritam para que o capitalismo, o colonialismo e a exploração regressem para o nosso País ?

Parece-nos que o método correcto é compreender quais as causas da situação actual, como é que chegámos à situação actual.

CAUSAS: O COLONIALISMO

O governo colonial, com as suas leis repressivas, os seus administradores, os seus cipaios eram um instrumento que o capitalismo utilizava para melhor explorar os trabalhadores moçambicanos A estrutura e os métodos de trabalho que a empresa tinha no tempo colonial também eram repressivos.

O trabalhador moçambicano era na empresa directamente submetido à segregação racial e social, à opressão e à exploração. O seu único direito era o de trabalhar de sol a sol. Não lhe era permitido conhecer mais do que aquilo que directamente fazia, (...) O trabalhador moçambicano entrava como aprediz e morria como aprendiz. Quando muito, podia ser operário de 3a., ao fim de 20 anos. (...)

Muitos participavam nas greves e pensavam que isso era uma atitude nacionalista. Mas não há luta política sem consciência política.

Um estivador podia dizer: eu não descarrego estas caixas porque o dinheiro que me pagam é pouco. As caixas eram de armas, munições e bombas que o exército colonial utilizava para combater a FRELIMO. Mas passavam a pagar mais ao estivador e ele descarregava. Quem é que ficava a ganhar ? O povo moçambicano por causa do aumento do salário do estivador, ou os nossos inimigos que ficavam com mais bombas para massacrarem o povo moçambicano ?

O capitalismo utilizou os trabalhadores para dividir e desorganizar a classe trabalhadora. O capitalismo aproveitou-se do baixo nível de consciência de classe dos trabalhadores.

A nossa vitória levou o capitalismo ao desespero. Ele teve que rever os seus planos. Intensificou a sua acção de sabotagem da nossa economia. Organizou a fuga maciça de técnicos, a transferência ilegal de divisas, o roubo e a destruição de maquinaria e equipamento. Muitas empresas foram abandonadas, outras paralizadas.

(A luta pela independência) tomou de tal forma as nossas energias que não foi possível dedicar a atenção devida à organização da classe trabalhadora. E esta é uma insuficiência muito grave. Agora passamos o tempo atrás do inimigo para descobrir e neutralizar as acções de sabotagem que ele realiza contra a nossa economia, porque não organizamos a classe trabalhadora. Não dedicámos a atenção suficiente, à organização da força principal.

Temos estado a ir atrás dos acontecimentos. Não tomamos ainda a iniciativa. Trabalhamos como bombeiros. Isso reflecte falta de estruturas, falta de organização. Isso é mau. Um dos maiores segredos é ganhar a iniciativa. A iniciativa deve pertencer-nos sempre e nunca ao inimigo.

Nós só conseguiremos tomar a iniciativa, passar à ofensiva quandos nos organizarmos, quando organizarmos a classe trabalhadora...

A baixa de produtividade não é, como o inimigo diz, o resultado da incapacidade dos trabalhadores para exercerem o Poder, para governarem o seu próprio País. A maior baixa de produtividade teve lugar, como vimos, durante o período do fantoche Governo Provisório, quando ainda eram os colonialistas que mandavam no nosso País.

A SITUAÇÃO ACTUAL: OS VÍCIOS

Temos de ver claramente os sintomas para conhecermos a doença e tomarmos o remédio que a pode curar.

INDISCIPLINA

Há muitos elementos que faltam ao trabalho. As faltas justificadas como doença muitas vezes são por causa de bebedeira. Quando vai à fábrica faz da máquina almofada.

Há casos em que num mês um elemento falta 20 dias. Dizem que estão independentes, que a FRELIMO trouxe a independência e que estiveram na prisão, agora querem beber.

Muitos há que só vão ao serviço furar o cartão, mas não para trabalhar. Aparece o encarregado e quando o manda trabalhar, ele responde: "você é fascista". Se lhe dizem que está a prejudicar a fábrica e a economia, o indisciplinado responde:"vou fazer auto-crítica". Com autocrítica já produziu ?

Há muitos atrasos. atrasos de 30 minutos, uma hora, de 2 horas. Abusam da tolerância e quando lhe chamam a atenção dizem: "o colonialismo já acabou, abaixo a exploração". Afinal, quem são os exploradores: não são eles, os que faltam, os que chegam tarde e no fim querem receber o salário inteiro? Já definimos quem são alguns dos exploradores que agora existem. Não é só quem tem a fábrica.

Muitos abandonam o posto de trabalho durante as horas de serviço. Vão esconder-se nos armazéns para dormir, para jogar batota. Outros saem mesmo da fábrica para irem tratar dos seus assuntos particulares e usam dois cartões para o controlo não saber que saíram.

Há elementos que se apresentam ao serviço embriagados. Dormem no banco do trabalho, insultam os colegas, provocam cenas de pancadaria, estragam matéria prima, causam avarias, fazem paralizar a linha de produção.

Outra forma de indisciplina é o esbanjamento. Este não é provocado apenas pelo estado de embriaguês com que alguns se apresentam ao serviço. É também provocado pelo desleixo. Há pessoas que estragam material,utilizam mal o equipamento, produzem montanhas de desperdício. O desleixo revela-se até na maneira como se apresentam: vão ao serviço sujos, alguns nem lavam a cara, as suas caras são lugares onde poisam as moscas, por-

que têm remelas nos olhos e assim, em vez de trabalharem passam o tempo a sacudir as moscas, o cabelo desgrenhado e cheio de fios de manta. Como é que um trabalhador destes pode cuidar da máquina se nem sequer de si cuida ?

NAS fábricas onde existe fato de trabalho e outros meios de proteção e segurança, há trabalhadores que não os usam por desleixo.

Verifica-se também, em muitas empresas falta de higiene. Locais de trabalho sujos, desarrumados, cheios de pó e teias de aranha ! Por causa desta falta de higiene, em algumas empresas que vistámos, quase nem podíamos respirar. E quem trabalha lá durante 8 horas por dia, são pessoas ! Isto é particularmente repugnante quando se trata de empresas de géneros alimentícios...

Mas estes aspectos todos de indisciplina não dizem respeito só aos trabalhadores. Vimos também indisciplina na direcção das empresas. Diríamos mesmo que em certos casos a indisciplina dos trabalhadores nasce e é fomentada pela indisciplina da direcção. Entre os dirigentes também há faltas ao trabalho, há abandono do posto de trabalho, há falta de observação das condições de higiene e segurança que devem existir numa empresa bem dirigida.

Na direcção há muitas vezes corrupção material e sexual. Há responsáveis de empresas que não respeitam a dignidade das operárias. Devemos eliminar o desrespeito pela dignidade da mulher na República Popular de Moçambique. Já o dissemos..(...)
O mau exemplo a nível da direcção reflecte-se sempre na base, no seio da massa operária.

REIVINDICAÇÕES

Há trabalhadores que ainda tentam resolver os seus problemas da maneira como aprenderam no tempo do Governo Provisório, no tempo das chamadas Comissões de Trabalhadores.

Esses trabalhadores fazem greves silenciosas. Provocam conscientemente a baixa de produção. Constatámos um caso, numa fábrica de confecções em que de 700 camisas por dia passaram a produzir 150. O que pretendiam era aumento de salários. E diziam à direcção da empresa: só aumentamos a produção quando nos pagar melhor! Donde vem então o dinheiro? Isso é um método errado.

Na realidade o que fizeram é uma sabotagem, é um atentado à nossa economia. Noutras empresas, os trabalhadores exigem que os lucros sejam divididos entre eles. Não compreendem que a conquista do Poder económico é uma conquista de todo o Povo, que as empresas devem servir o Povo e não um grupo de trabalhadores, que o aumento da produção dessa fábrica é o resultado do esforço do país inteiro.

Há casos também, em que depois da fuga de um técnico, os trabalhadores vão dizer à direcção: "agora vocês deviam dividir o ordenado dele por nós, nós é que ficamos a fazer o trabalho". Isto é confusão. Diríamos mesmo: diarreia ideológica. O seu cérebro não está no lugar e é líquido!

No tempo colonial, o Poder pertencia aos colonialistas. O exército, os polícias e o governo eram deles. Ao trabalhador não era permitida qualquer forma de organização. Assim, os trabalhadores eram obrigados, para procurarem solução para os seus problemas, a organizarem formas de luta próprias. Foi assim que organizaram manifestações, greves e outras formas de reivindicações.

No entanto, o colonialista sabia qual era a sua força. Se a manifestação era organizada para reclamar a independência, como em 1960 em Mueda, chamava o exército e massacrava. Se a greve tinha conteúdo de massa, como sucedeu em Maputo, então Lourenço Marques, na greve dos estivadores dos anos 60, a polícia de choque prendia, agredia e matava.

Se a reivindicação era apenas de dinheiro, chamava a PIDE, prendia os dirigentes e mais tarde, dava pequenos aumentos. As pequenas vitórias conseguidas pelosnossos trabalhadores surgiram depois de 1964, depois do início da luta armada. E por que? Porque o povo moçambicano começava a exprimir organização e a manifestar as primeiras formas de

Poder.
Hoje o Poder pertence ao Povo. A polícia pertence à classe trabalhadora, o exército pertence à classe trabalhadora, o governo pertence à classe trabalhadora. A nossa polícia luta contra os reaccionários e os inimigos da nossa independência. Ela reprime os exploradores. Antigamente era dos exploradores e reprimia os explorados.

O nosso exército defende as nossas fronteiras contra os fascistas, os racistas, os agentes do imperialismo. Ele combate o capitalismo.

O nosso governo recupera a terra, nacionaliza a medicina, o ensino, a justiça, as casas de arrendamento, retirando esses sectores das mãos dos capitalistas para os pôr ao serviço do Povo. O nosso governo destrói as bases do sistema de exploração.

No tempo colonial, o operário só podia lutar pelo seu benefício pessoal. Procurava resolver a sua vida através do salário. Mas o salário não dava acesso à propriedade da terra, aos consultórios privados, não permitia mandar os filhos à Universidade, viver nas casas de cimento.

Hoje, o operário pode decidir o futuro do seu País. Deve, portanto, estudando com os seus colegas e com as estruturas políticas e administrativas, encontrar a forma melhor de resolver os seus problemas.

No tempo colonial, porque o poder pertencia ao colonialista, o produto do nosso trabalho servia para enriquecer o capitalista. As nossas riquezas escoavam-se para o estrangeiro. Hoje, com o nosso poder, criámos as condições para usar o produto do nosso trabalho em nosso próprio benefício. É por isso que dizemos que devemos produzir mais e melhor, porque produzindo mais aumentaremos a riqueza do país, construiremos mais escolas, hospitais, melhoraremos as condições de vida de todo o povo. No tempo colonial produzíamos sem saber porquê nem para quê. (...)

Vemos assim que a situação actual é profundamente diferente da que era no passado. Por isso as formas de luta devem também ser diferentes. Utilizar hoje as mesmas reivindicações que fazíamos no tempo colonial, significa não termos ainda compreendido bem a natureza da nossa luta, não termos compreendido bem quem é o nosso inimigo, não termos compreendido bem que o poder nos pertence.

Nesta fase da luta, o combate contra a exploração passa pelo combate contra a miséria, contra a fome, o analfabetismo.
... a reivindicação a fazer é: aumentar a produção, aumentar a produtividade.

RACISMO

Nas empresas, continuamos a encontrar manifestações de racismo. Ao lado do racismo anti-negro, característico da sociedade colonial capitalista, acentua-se agora o racismo anti-branco.

Há elementos que não aceitam a autoridade dos chefes porque eles são brancos. Isso é confusão ideológica. Costumam perguntar: "afinal o colonialismo não acabou? Os brancos ainda continuam a mandar em nós?"
Outros, dentro da empresa, tratam as pessoas desigual. Os pretos são camaradas e os brancos são senhores. Pode ser um reaccionário, mas trata-se por camarada só porque é preto. Esquecem a luta de classes.

Uma forma camuflada de racismo é a daqueles que se recusam a aprender com os técnicos, só porque estes são estrangeiros brancos. Se for um preto aceitam. Dizem que isso de aprender com estrangeiros não é para quem está independente. Para eles, o conhecimento técnico, profissional e científico dos estrangeiros não serve. A ciência agora tem cor ?

Por isso cometem erros que só prejudicam a nossa economia, atrazam o processo de reconstrução nacional e obrigam-nos a uma maior dependência tecnológica.
Sejamos claros a este respeito. Nós somos abertamente contra o RACISMO. Racismo de qualquer tipo. O racismo é uma atitude reaccionária que divide os trabalhadores, lançando trabalhadores brancos contra trabalhadores negros, ou negros contra brancos, e minando a sua

consciência de classe.

O racismo impede a correcta definição do inimigo, permitindo a infiltração de agentes do inimigo no nosso seio, camuflados com uma cor. (...)

Nós dizemos que o nosso inimigo não tem cor, não tem raça, não tem pátria. E o nosso amigo também. Não definimos o amigo e o inimigo em função da cor da pele. Há brancos e pretos que são nossos camaradas. Mesmo estrangeiros. E há brancos e pretos que são nossos inimigos. Não lutamos contra uma cor, mas sim contra um sistema - o sistema da exploração do homem pelo homem.

O racismo é um cancro que ainda se manifesta na nossa sociedade. Um cancro que divide os trabalhadores e os priva da unidade e da consciência de classe. O racismo é um cancro que se alimenta da divisão e destrói a trincheira comum anti-imperialista. Temos, pois, de o eliminar, de o arrancar, até à última raiz.

AMBIÇÃO

A ambição revela-se com a luta pelo Poder dentro da empresa. A forma de actuação do ambicioso é o oportunismo e a sua característica principal é a corrupção. É como um camaleão: numa parede branca fica branco, numa parede vermelha fica vermelho. E são os que connosco mais agitam a bandeira da FRELIMO.

A corrupção conduz ao vício, e este ao crime. O ambicioso é um elemento com vocação para agredir a nossa linha, trair a causa da classe trabalhadora. Um ambicioso é um criminoso.

Como os ambiciosos pensavam que os Grupos Dinamizadores assumiriam a gerência das empresas, eles procuraram infiltrar-se nos Grupos Dinamizadores.

Essa foi a nossa experiência no Governo de Transição. Uma autêntica corrida para os Grupos Dinamizadores! É preciso analizarmos os nossos erros. Houve casos de empresas em que se formavam 3, 4 Grupos Dinamizadores, que faziam verdadeiras campanhas eleitorais junto das massas trabalhadoras. Cada um deles fazia promessas falsas aos trabalhadores e acusava os rivais dos piores crimes.

(...) As pessoas chegavam a meter cunhas, a invocar relações de amizade ou laços de parentesco com A, com B, com C. "porque eu sou primo do ministro, sou cunhado do director nacional". Em Moçambique não pode haver cunhas.

Essas acções só serviam para confundir e dividir a classe operária e desviar os objectivos da nossa luta de classes.

Depois viram que os Grupos Dinamizadores não eram uma estrutura administrativa. Mesmo no caso das empresas abandonadas nomeavam-se Comissões Administrativas, e os elementos dos Grupos Dinamizadores não podiam fazer parte dessas Comissões. Então começaram as demissões dos Grupos Dinamizadores.

Por que é que se demitiam? Alguns, porque viram frustradas as suas ambições pessoais, já não viam razões para continuar a dizer "Viva a Frelimo!"

Outros resolveram realizar as suas ambições pessoais doutra maneira: saiam da empresa onde não podiam assumir cargos de chefia administrativa, por pertencerem ao Grupo Dinamizador, e iam para outras empresas, onde o seu passado de militante contava para a promoção a chefe. Outros saiam do Grupo Dinamizador para entrarem na Comissão Administrativa da própria empresa.

Sabemos de um caso de um elemento do Grupo Dinamizador que para poder entrar na Comissão Administrativa da sua empresa, como não tivesse qualquer outro pretexto para sair do Grupo Dinamizador, renunciou à nacionalidade. Mas perdeu a nacionalidade e seu lugar na Comissão Administrativa.
Até que ponto chega o ambicioso!!

Houve o caso da Padaria Hazis, aqui no Maputo, em que 4 elementos do Grupo Dinamizador fizeram sociedade com o patrão. Onde está então a nossa classe trabalhadora, a classe operária?

Isto prova, como dissemos, a vocação do ambicioso para trair, dividir e desmobilizar a classe trabalhadora. Há que redobrar a vigilância para detectar, denunciar e neutralizar administrativa -

m..te os ambiciosos !

ACÇÃO INIMIGA

Nas empresas a acção inimiga assume diversas formas. A mais importante é a sabotagem económica.

Outros exemplos dessa acção são: o boato, a intriga, a infiltração de antigos Pides, ANP's,etc., tentativa de suborno dos elementos dos Grupos Dinamizadores. As promessas falsas aos trabalhadores e a destruição de quadros. Trata-se de uma forma de actuação muito refinada.

No interesse de fazer baixar a produtividade ou paralizar a própria produção, o inimigo alicia um técnico a abandonar a empresa para ir para outra empresa, nem que para tal tenha de pagar 3 ou 4 vezes mais. Em alguns casos, o técnico vai desempenhar tarefas diferentes da sua especialidade. Aí dizemos que há destruição de quadros. Esta ofensiva tem-se dirigido sobretudo contra empresas sob controlo do Governo. (...)

FALTA DE CONSCIÊNCIA DE CLASSE

A razão profunda de todos estes males é o facto de ainda não termos assumido verdadeiramente a consciência da nossa classe. Sem consciência, não há organização. E sem organização não há consciência.

A falta de consciência de classe manifesta-se, também, na falta de interesse em aumentar o nível técnico. Há cursos de formação que se organizam e depois ficam quase desertos. Os candidatos que se inscrevem abandonam os cursos antes de os acabar, alegando as mais diversas razões, mas a razão fundamental é a questão do dinheiro.

Sem estar organizado, o trabalhador não pode ter a noção da estrutura, não pode ser um bom operário, não pode ter consciência de classe e, muito menos, ser um militante. Por isso, não pode assumir a sua tarefa e participar eficazmente na Reconstrução Nacional.
(...)

Por isso, para aumentarmos rapidamente a produtividade do nosso trabalho, diremos que é necessário:

1. UNIR E ORGANIZAR OS TRABALHADORES EM MOLDES COLECTIVOS, EM CADA SECÇÃO OU EM CADA SECTOR DE TRABALHO DA FÁBRICA

Actualmente o trabalhador está bloqueado pelas estruturas capitalistas que ainda existem no seio da empresa. O trabalhador é considerado como simples instrumento de trabalho. Está ausente dos centros de decisão. Ao trabalhador não é dada a oportunidade de participar nas decisões, não lhes é dada a possibilidade de discutir e procurar colectivamente as soluções para os problemas que se põem no seu local de trabalho, na fábrica.
É necessário criar estruturas organizativas dos trabalhadores através das quais eles possam participar de forma activa, colectiva e consciente, na discussão e na resolução dos problemas, em especial no que diz respeito à produção e produtividade.
No imediato, enquanto essas estruturas não são criadas, em todas as empresas devem realizar-se reuniões gerais de todos os trabalhadores, onde se discutam colectivamente todos os problemas da vida da empresa e da organização do trabalho.

2. PROGRAMAR E PLANIFICAR A PRODUÇÃO
(...)

3. DEFINIR E APLICAR COM RIGOR NOVAS NORMAS DE DISCIPLINA

É a desorganização nas nossas empresas que permite a existência entre nós de elementos nocivos que objectivamente sabotam a nossa economia. Estes sabotadores ssão: os bêbados, os preguiçosos, os ladrões, oa que faltam ao serviço, os que chegam sistematicamente atrasados, os esbanjadores, os desleixados, os boateiros, os racistas, os indisciplinados os corruptos. Estes elementos são inimigos da Revolução.

Contra os que cometem essas faltas, nós usamos primeiro a crítica e autocrítica. Chamamos a atenção para os seus erros, para o que eles representam para a sociedade. Mas sabemos que há os renitentes, os recalcitrantes que recusam a transformação. P/ estes elementos há as medidas administrativas, diremos: violentas e coercivas. Primeiro há as multas, há as suspensões, há toda uma série de medidas administrativas. Nós usamos a crítica e autocrítica com camaradas, não com reaccionários.

****